

# «ORIENTALISMO» E «ORIENTALIZANTE»: GÉNESE E APLICAÇÃO DOS CONCEITOS NA IDADE DO FERRO DO CENTRO / SUL DE PORTUGAL

Ana Margarida Arruda

1. Orientalismos.
2. A «descoberta» do Ocidente: fenícios e gregos no Mediterrâneo Ocidental. Fontes clássicas e questões cronológicas.
3. A origem da expansão fenícia para ocidente.
4. A Idade do Ferro Orientalizante no território do Centro / Sul de Portugal.
5. Considerações finais.
6. Referências bibliográficas.

## 1. Orientalismos

Foi convicção da maioria dos investigadores europeus do século XIX e inícios do século XX que todas as culturas do Velho Continente tinham tido origem nas civilizações urbanas do Próximo Oriente. A arqueologia tradicional, herdeira directa da investigação que decorreu das escavações no Egipto faraónico, em Tróia e em Pompeia, foi fortemente marcada por um difusionismo unipolar. A expressão romana *Ex Oriente Lux* ganhou, neste contexto, um novo colorido.

É deste orientalismo exarcebado que enfermam, também, naturalmente, os trabalhos sobre a Pré-História da Península Ibérica. Situação que contribuiu para a aceitação generalizada de uma presença oriental no nosso território a partir dos inícios do IV milénio a.C.

A verdadeira «revolução» conceptual e metodológica que, nos finais dos anos 60, operou a construção de novos modelos explicativos para o desenvolvimento das sociedades humanas veio alterar significativamente as construções teóricas da arqueologia tradicional.

Muitos pré-historiadores europeus partem, agora, do postulado que as culturas são um todo e devem compreender-se por elas próprias. Distanciam-se dos modelos anteriores, que preferem quase sempre justificar a génese e a evolução das diferentes comunidades através de um processo de difusão de ideias e tecnologias, quando não mesmo de migrações de povos.

As posições difusionistas, defendidas para o megalitismo europeu na esteira de Childe, são, sobretudo a partir do trabalho de Colin Renfrew (1976), rejeitadas por diversos autores. Comprovada, com base em datações <sup>14</sup>C a anterioridade dos monumentos megalíticos do SW europeu relativamente aos seus congéneres do Mediterrâneo Oriental (*ibid.*) não existem quaisquer dados que nos permitam supor que migrações de povos do Egeu possam ter dado origem ao conjunto das práticas funerárias conhecidas por Megalitismo, aliás anteriores de milénios.

Também no que se refere ao Calcolítico as ideias difusionistas de vertente oriental dominaram na literatura arqueológica peninsular, até à década de 70.

Houve quem pretendesse ver nos povoados calcolíticos fortificados do Sudeste e Sudoeste da Península Ibérica, tais como Los Millares, Vila Nova de S. Pedro e Zambujal, só para citar os mais conhecidos, colónias de prospectores de cobre provenientes do Mediterrâneo Oriental, que constroem fortificações para se defenderem das populações indígenas.

A alguns objectos encontrados em povoados e monumentos funerários Calcolíticos, tal como as cerâmicas com decoração canelada ou os objectos votivos de calcário, atribuiu Savory (1968) uma origem oriental. Mais concretamente defendeu ser na Anatólia, Egipto e Ilhas do Egeu que se encontravam os protótipos desses objectos peninsulares.

Como já referimos, este difusionismo de feição orientalista é actualmente questionável pela generalidade dos pré-historiadores peninsulares.

Um amplo movimento «indigenista» viria a surgir na sequência do aparecimento e escavação de povoados calcolíticos fortificados em regiões interiores, nomeadamente no Alentejo e Alto Algarve (Gonçalves, 1989; Silva e Soares, 1987). Estes povoados, que as datações por carbono 14 provaram ser mais antigos que as fortificações do Mediterrâneo Oriental, apresentam uma cultura material claramente autóctone. Estes dados, associados ao facto de, em alguns casos, a metalurgia do cobre surgir apenas numa segunda fase, permitiriam aos investigadores questionar-se sobre a equação até então aceite **POVADOS FORTIFICADOS = COLÓNIAS DE METALURGISTAS**.

O debate entre «difusionistas» e «indigenistas» tem assumido, não raras vezes, um certo radicalismo estéril, como foi já sublinhado (Gonçalves, 1989). Recentemente, porém, e contrapondo-se maniqueísmo das teses tradicionais, têm vindo a ganhar forma outras hipóteses explicativas para a génese e desenvolvimento do Calcolítico peninsular pré-campaniforme. A existência de contactos entre as diversas populações do Mediterrâneo é considerada como muito provável (Gonçalves, 1989, Parreira, 1990). Tais contactos, que funcionariam como estímulos exógenos, não explicariam, evidentemente, de

*per si*, as transformações ocorridas nas comunidades do Sul Peninsular no III milénio a.C. As razões dessa mudança têm que ser entendidas a partir da dinâmica interna das referidas comunidades. No entanto, determinadas inovações, como por exemplo a introdução das técnicas de regadio, os processos de mineração do cobre e mesmo o desenvolvimento da arquitectura defensiva, poderiam ser processos decorrentes da movimentação de mercados através do Mediterrâneo (*ibid.*).

Mas o que realmente importa referir é que hoje não é mais possível aceitar o determinismo oriental, que reduz a meras importações a diversidade e riqueza cultural que comporta a Pré-História da Península Ibérica.

Importa, ainda, deixar aqui registado que nenhum dado arqueológico actualmente disponível comprova a presença efectiva de colonizadores mediterrânicos no nosso território durante o Calcolítico. Tão pouco se encontra documentado, para este período, qualquer espécie de comércio Oriente / Ocidente, sendo hoje quase pacífica a origem local da totalidade dos objectos que Savory considerou eivados de orientalismo (1968). Da longa lista apresentada por este autor, apenas os objectos de marfim podem ainda suscitar interpretações diversas (Almagro-Basch, 1959; Savory, 1968, Arribas Palau, 1977, Harrison e Gilman, 1977). Uma vez mais, no entanto, as datações de Carbono 14 afastaram definitivamente a possibilidade de tais objectos terem derivado dos seus presumidos protótipos mediterrânicos. Tanto em Micenas como na Sicília, os objectos afins dos peninsulares integram-se no Heládico Médio e Final, ou seja cerca de um milénio depois dos de Millares ou Nora (Arribas Palau, 1977). O fabrico local dos objectos de marfim, utilizando matéria prima importada em bruto do Magreb (Harrison e Gilman, 1977), é hipótese plausível. Aliás, as relações do Sul peninsular com as regiões Norte africanas Magrebina são bem documentadas, nomeadamente em Los Millares onde foram encontradas contas de colar em casca de ovo de avestruz (Arribas Palau, 1977).

Assim, admitindo a existência de contactos entre os dois extremos do Mediterrâneo anteriores ao I milénio a.C., parece-nos que é apenas a partir dos inícios da Idade do Ferro, que as influências orientais são sentidas, directa, intensa e comprovadamente no Sul da Península Ibérica.

Como veremos em 2. e 3., um conjunto de acontecimentos políticos, económicos e sociais, verificado praticamente em todo o Mediterrâneo, contribuiu para que a partir do século VIII a. C. uma forte influência oriental se tenha feito sentir também no SW europeu. Esta influência, que assume variadas vertentes e tem várias origens, traduziu-se mesmo no estabelecimento de feitorias fenícias na Espanha meridional e, mais tarde, na fundação de colónias gregas.

## 2. A «descoberta» do Ocidente: Gregos e Fenícios no Mediterrâneo Ocidental

Saber quem teve a primazia da «descoberta» do Ocidente foi, durante anos, tema de ampla discussão.

Os historiadores do século XIX transformaram o Mediterrâneo num verdadeiro lago fenício. A aceitação generalizada das datas fornecidas pelos autores clássicos para a fundação das colónias fenícias ocidentais (Gadir, Útica e Lixus) permitiram a Movers (1841/1856), por exemplo defender a permanência de fenícios no Mediterrâneo Ocidental já durante o século XII a.C.

Nos finais do século XIX, os movimentos intelectuais europeus, então com fortes tendências anti-semitas, encontram nas descobertas arqueológicas de Micenas e Creta as justificações necessárias para o seu europocentrismo. Privilegia-se agora, e até aos meados do nosso século, a influência grega na colonização mediterrânica, negando-se veracidade histórica às fontes clássicas (Beloch, 1894, Carpenter, 1958, Bosch Gimpera, 1951). A colonização fenícia é então considerada um mito e os «feniciomaníacos», como eram chamados os difusionistas tradicionais, foram fortemente contestados.

No entanto, a partir da década de 70, as interpretações filo-semitas passaram de novo a dominar na literatura da especialidade na Península Ibérica.

Os trabalhos arqueológicos que a delegação do Instituto Arqueológico alemão em Madrid inicia na costa de Málaga, e que (ironia...) tinham por objectivo fundamental encontrar os vestígios materiais da *Mainake* grega, permitiram detectar as primeiras feitorias fenícias da Península Ibérica.

Esta descoberta implicou, como já se disse, uma importante inflexão nos estudos da Proto-História peninsular. Foi justamente a partir desses trabalhos que se volta a dar uma particular atenção ao papel dos comerciantes fenícios, remetendo-se de novo para segundo plano os fenómenos relacionados com a colonização grega.

No entanto, os resultados das escavações das feitorias fenícias da costa de Málaga, e das que decorrem na área urbana de Cádiz e de Huelva, não confirmaram de forma absoluta as fontes clássicas. Com efeito, as cronologias que se têm vindo a obter para os níveis arqueológicos com espólios orientalizantes fenícios não são anteriores aos inícios do século VIII a.C.

Assim, as datações propostas por Veleio de Patérculo (Hist. Rom. 1: 2, 1-3), e aceites por Estrabão, Plínio e Mela, para a fundação de Cádiz, e naturalmente para o início dos contactos fenícios com o extremo ocidente (1104 ou 1103 a.C.), continua a não ser sustentável.

As tentativas de conciliar os dados cronológicos obtidos através do processo arqueológico e os fornecidos pelas fontes clássicas levaram certos autores, nomeadamente Almagro Gorbea (1977), a falarem numa etapa *pré-colonial*, que teria precedido a fundação de colónias. Nesta fase, que poderia ter coincido com os séculos XI a IX a.C., a navegação fenícia no Ocidente teria fins exclusivamente comerciais, não necessitando de estabelecimentos permanentes. As provas desta pré-colonização encontrar-se-iam consubstanciadas nos marfins de Carmona, nas cerâmicas pintadas de Carambolo, e sobretudo nas representações gravadas nas estelas funerárias de tipo estremenho (concretamente escudos com chanfro em V, fíbulas de cotovelo e capacetes de cornos). Os marfins de Carmona podem afinal ser datados do século VIII e VII a.C., não sendo, como sempre se pretendeu, do II milénio a.C.

Os outros elementos, não podem, do meu ponto de vista, ser considerados como tendo uma origem oriental clara. Com efeito, os escudos com chanfro em V, por exemplo, apesar de conhecidos no Egeu (Chipre, Samos e Creta) surgem igualmente na Irlanda (Fernández Castro, 1988). No Mediterrâneo Oriental, no entanto, estes escudos tiveram uma fraca e tardia difusão, datando-se entre os finais do século VIII a.C. e os finais do século VII a.C. (*ibid.*: 294). Na área atlântica e na Europa Central, pelo contrário, são mais numerosos (*ibid.*). Um modelo micénico pode ter estado na origem dos escudos com chanfro em V, que podem ser afinal um produto centro-europeu, atendendo à datação da peça de Pilsen (Bronze D – Hallstat A 1 – 1200-1100 a.C.) (*ibid.*: 292). Uma difusão destas armas através da Europa parece pois ser a hipótese mais plausível para o seu aparecimento no Ocidente.

Considerar ponto assente a existência de navegações fenícias para o Ocidente peninsular anteriores ao século VIII a.C. é pois, neste contexto, hipótese prematura e sem consistência efectiva. Por um lado, porque «El empeño de conciliar la documentación arqueológica con las fontes clásicas, nos lleva hoy, como antaño, a una callejón sin saída [...] y a la simple acumulación anárquica de artefactos en el vacío. La simple inferencia analógica y el puro inductivismo llevan a una lectura pseudo-histórica de los datos.» (Aubet, 1987: 190). Por outro lado, não pode deixar de causar estranheza que sejam justamente tocadas pelas influências orientais pré-coloniais áreas onde, posteriormente ao século VIII a.C. (época a partir da qual está efectivamente documentada arqueologicamente a existência de fenícios na Península Ibérica), não se detecta um povoamento sidérico de características orientalizantes.

De facto, a localização em regiões interiores das estelas tipo estremenho, onde estão gravados os capacetes de cornos, os escudos com chanfro em V e as fíbulas de cotovelo, não é totalmente compatível com as teses que prevêm navegações esporádicas, com intuitos comerciais, de fenícios para Ocidente e que teriam por finalidade lançar as bases para a instalação das suas futuras feitorias.

A quase completa ausência, no Bronze Final, de elementos orientais, ou inspirados em modelos orientais, nas regiões costeiras do litoral sul peninsular não pode ser esquecida.

Os mais antigos objectos claramente orientais aparecidos na Península Ibérica foram recentemente recolhidos em Montoro (Córdoba). Trata-se de dois fragmentos cerâmicos micénicos integráveis no Micénico III B ou C, com uma cronologia compreendida entre 1300 e 1100 a.C. (Martín de la Cruz, 1987 e 1990). Foram encontrados em contexto arqueológico seguro, num nível do Bronze Final, fase antiga.

Este achado, se bem que isolado no âmbito da Proto-História da Península Ibérica, reveste-se naturalmente de grande importância. Pode integrar-se no amplo movimento comercial que Micenas inicia para Ocidente no século XIV a.C. e que chega à Itália, à Sicília e à Sardenha. Interpretação mais duvidosa seria pretender que os fragmentos cerâmicos micénicos de Córdoba, sejam

objectos trazidos para o Ocidente por comerciantes tírios numa fase pré-colonial, ainda que se sejam datáveis do século XII a.C. E isto apesar dos contactos culturais e comerciais que se estabelecem entre o triângulo sírio-palestiniano-chipriota e o mundo micénico durante o II milénio a.C.

Cerâmicas gregas do século VIII a.C. têm vindo a ser recolhidas na área urbana de Huelva em ambiente tartéssico. Um *krater* ou *pyxis* do geométrico Médio II – 800-760 a.C. – (Rouillard, 1977; Shefton, 1982) e um *skyphos* com pássaro pintado numa metopa, proveniente da Eubeia e datado do terceiro quartel do século VIII a.C. (Fernández Jurado, 1984; Cabrera Bonet, 1986), são materiais que denunciam o início de um longo e diversificado processo de consumo de cerâmicas gregas por parte da comunidade indígena tartéssica. De facto, estas importações não correspondem a um fenómeno isolado, uma vez que desde os finais do século VIII aos finais do século VI a.C. toda a Andaluzia meridional recebe vasos gregos de luxo, com grande variedade tipológica e provenientes de diversas oficinas. Encontram-se tanto em sítios indígenas como nas feitorias fenícias da costa de Málaga. Nestas últimas, no entanto, as cerâmicas de luxo estão ausentes, sendo frequentes as ânforas de transporte e as cerâmicas semi-finas da Grécia de Leste.

É evidente que as cerâmicas micénicas de Córdova e as gregas da Época Arcaica encontradas na Andaluzia, sobretudo as aparecidas nos sítios indígenas, vêm de algum modo recolocar a questão da navegação grega para Ocidente e da sua anterioridade ou contemporaneidade em relação à fenícia. No entanto, não é improvável que, pelo menos numa primeira fase (século VIII), os agentes do comércio da cerâmica grega arcaica *sejam efectivamente fenícios*, uma vez que, se por um lado estes estão já, nesta época, instalados nas feitorias da costa de Málaga, por outro, cerâmicas gregas muito similares às aparecidas na Andaluzia têm sido registadas na costa fenícia e em Chipre (Cabrera Bonet, 1986; Bisi, 1983).

A «descoberta» do Ocidente continua, pois, a ser questão em aberto.

No entanto, as tendências da investigação actual tendem a subvalorizar a questão de saber QUEM foram os autores dessa «descoberta» (gregos ou fenícios). O que parece de facto ser importante é mais saber COMO e PORQUÊ (Aubert, 1985).

Também a interpretação mecanicista, tão ao gosto de uma historiografia pós-romântica dominante até há poucos anos e que tendia a procurar uma correspondência automática entre os factos relatados nas fontes clássicas e os dados arqueológicos, foi sendo progressivamente abandonada.

### 3. A origem da expansão fenícia para Ocidente

É hoje, como vimos, relativamente pouco polémica na historiografia pré-clássica a questão da cronologia da expansão fenícia para Ocidente. Não se vislumbra pois qualquer dado arqueológico ou razão histórica para continuar a

sustentar a datação proposta pelos historiadores clássicos para a fundação de Gadir (século XII a.C.).

De facto, é apenas no reinado de Hiram I (970-936) que Tiro se torna potência política e naval, não merecendo especial atenção nos anais de Tiglatpliser I (1114-1076 a.C.). Mesmo as referências sobre a expansão marítima de Tiro no século X a.C. têm sempre como objectivos o Mar Morto e a Índia.

E se nos finais do século IX a.C. surgem, pela primeira vez, condições para iniciar a sua expansão para Ocidente (fim do comércio fenício no Mar Vermelho, procura crescente da prata, cobre e estanho por parte do Império Assírio, pressão demográfica e défice agrícola), só nos inícios do século VIII a.C. atingem a costa peninsular mediterrânica, aí se estabelecendo então.

Parece, no entanto, evidente que foram vários os factores que determinam o alargamento do horizonte das relações comerciais para Ocidente. De facto, não podemos reduzir as razões da expansão comercial de Tiro exclusivamente à pressão tributária sobre ela exercida por parte do Império Assírio.

### 4. A Idade do Ferro Orientalizante no Centro / Sul de Portugal

A instalação de fenícios orientais em Cádiz e na costa de Málaga, a partir dos inícios do século VIII a.C., facilitou os contactos comerciais entre navegadores tírios e populações indígenas do Ocidente peninsular.

Naturalmente que os comerciantes fenícios não se detiveram forçosamente no estuário do Tinto / Odiel. Para Ocidente de Huelva, no território actualmente português, são também relativamente abundantes os dados arqueológicos que provam a existência desses contactos.

Foi nos finais do século XIX que se deu notícia, pela primeira vez em Portugal, de materiais arqueológicos com uma filiação cultural leste mediterrânica.

Estácio da Veiga dá a conhecer em 1891 os resultados dos seus trabalhos na necrópole da Fonte Velha, Bensafrim (Lagos). Nesta necrópole, onde foram identificadas lápides com escrita do SW, recolheu-se abundante espólio arqueológico, entre o qual se destacam várias contas de colar oculadas de pasta vítrea de cor azul (Veiga, 1891: Est. XXVIII).

Contas de colar idênticas às da Fonte Velha foram também encontradas na necrópole Cômoros da Portela – S. Bartolomeu de Messines, juntamente com dois fragmentos de inscrições «tartéssicas» (*ibid.*).

Em 1889, o Dr. Silva Ribeiro recolheu, numa sepultura em Almogrebe (Odemira), na margem esquerda do rio Mira, 33 contas de colar oculadas (*ibid.*, Est. XXXI)

António dos Santos Rocha continuará, anos mais tarde, os trabalhos de Estácio da Veiga na necrópole algarvia da Fonte Velha. Exumou então novas contas de colar oculadas (Rocha, 1975: 134). Um pequeno disco de ouro, com orifício central e decorado com espirais e pontos, de características tecnológicas orientalizantes, é também proveniente desta necrópole (Rocha, 1904).

Em 1897, data da primeira edição do trabalho que publicou sobre este sítio, o arqueólogo figueirense integrou culturalmente esta necrópole no «...período da influência fenícia ou libiofenícia...» (*ibid.*: 136). Para atribuir uma origem oriental aos materiais da Fonte Velha, Santos Rocha baseou-se fundamentalmente nas contas de colar de pasta vítrea aí encontradas. Citou Maspero Cartailiac para afirmar que a influência fenícia não deve estranhar-se neste contexto, uma vez que «Os fenícios fundaram Gadir ou Gádes, 1100 anos aproximadamente antes de Cristo, mas já nesse tempo eles tinham colónias na Península, sobre o litoral do Mediterrâneo.» (*ibid.*: 138). Aliás, Santos Rocha nunca escondeu as suas posições filosemitas, sendo paradigmáticas desta posição as afirmações produzidas no prefácio à sua obra *Memórias sobre a Antiguidade* (1897). Aí diz concretamente: «Bem sabemos que há quem pense que nada existe na arqueologia que seja reconhecidamente de origem fenícia, mas nós seguimos os que sustentam o contrário, até que se prove de modo convincente que os monumentos e vestígios a que estes atribuem esta origem, pertencem a outra civilização.» (Rocha, 1975: VII)

Esta filiação cultural para a necrópole de Bensafrim tinha sido já pressentida por Estácio da Veiga, apesar das suas posições fortemente europocentristas (Veiga, 1891: 257).

Foi ainda Santos Rocha quem viria a escavar os primeiros povoados onde uma clara influência oriental seria detectada na cultura material. Santa Olaia e Tavadre, junto à foz do rio Mondego, ofereceram um extenso conjunto de cerâmicas de raiz marcadamente orientalizante. Pratos de engobe vermelho, ânforas e potes com as superfícies pintadas em bandas policromas e taças cinzentas finas polidas são elementos cuja filiação cultural não deixa dúvidas (Rocha, 1910).

Santa Olaia revelou ainda fibulas tipo Bencarrón (*ibid.*) e um fragmento de «braseiro» de tipo ibérico com asas-de-mãos (*ibid.*: 331, Est. XX, n.º 61; Cuadrado, 1966: 18-19). O aparecimento do «braseiro» em Santa Olaia deixa transparecer de forma evidente as relações da foz do rio Mondego com o mundo Tartéssico.

Abundantes em Espanha (Huelva, Almuñecar – Granada, Aliseda – Cáceres, El Berrueco – Salamanca, Sanchorreja – Ávila), os «braseiros» com asas-de-mãos têm a sua origem num modelo oriental, chipriota ou egípcio (Cuadrado, 1966). Os exemplares peninsulares podem, no entanto, ter sido fabricados em oficinas indígenas a partir de um protótipo oriental (Aubert, 1984).

Em 1916, são escavados na cidade romana de *Conimbriga* níveis arqueológicos onde apareceu cerâmica que, segundo Vergílio Correia, «...não difere da de Santa Olaia.» (Correia, 1916: 302). Pelas descrições do autor, podemos perceber que as cerâmicas pintadas em bandas, as cobertas por engobe vermelho e as cinzentas finas polidas são as mais abundantes na «camada pré-romana».

A grande maioria do espólio arqueológico recolhido na necrópole do Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal apresenta características continentais. No

entanto, Vergílio Correia pode recolher em escavações que aí realizou em 1925, um escaravelho de Psamético I – 663-609 a.C. (Correia, 1925; Gamer-Wallert e Paixão 1983). Infelizmente, o autor da descoberta não fornece elementos suficientes para que possamos integrar esta peça num contexto seguro, indispensável num sítio cuja ocupação tem grande amplitude cronológica. Outros achados de escaravelhos egípcios na mesma necrópole (Paixão, 1970, 1971 e 1983) vieram confirmar as relações do vale do Sado com o Mediterrâneo Oriental na primeira metade do I milénio a.C., facto inquestionável a partir das escavações no povoado correspondente – Castelo de Alcácer do Sal – (Silva *et al.*, 1980-81).

Apesar de, como vimos, a investigação arqueológica portuguesa cedo ter sido confrontada com uma Idade do Ferro de características orientalizantes, o estudo deste aspecto particular da Proto-História do nosso território sofre uma nítida recessão a partir dos anos 30 do nosso século. Só muito esporadicamente o tema volta a ser tratado na bibliografia da especialidade. As excepções são o trabalho de J. Miguel da Costa sobre o tesouro do Gaio – Sines (Costa, 1967 e 1974) e a publicação dos materiais da necrópole de S. João, em Torres Vedras (Trindade e Ferreira, 1965).

Encontrado, por acaso, no decorrer de trabalhos agrícolas, o conjunto das jóias de Sines é proveniente de uma necrópole. Compõe-se de vários objectos de ouro, prata, bronze, vidro, cornalina, resina, âmbar e marfim. Do conjunto destacamos:

1. colar articulado de ouro, composto por 16 placas fabricadas a molde, por pressão sobre uma matriz em relevo. As placas são decoradas por folhas e palmetas que enquadram um cavalo alado;
2. várias contas de colar de ouro;
3. uma arrecada também de ouro;
4. *amphoriskos* de pasta vítrea azul;
5. centenas de contas de colar de pasta vítrea (algumas das quais oculadas), de âmbar e de cornalina;
6. escaravelho de marfim com cartucho com o nome do faraó Thoutmôsis III (18.ª dinastia).

A origem oriental da totalidade das peças de Sines é absolutamente indiscutível. Na fachada sírio-palestina e no Egipto encontra-se-á, certamente, a origem de parte do espólio da necrópole do Gaio. Alguns elementos do colar articulado, nomeadamente as palmetas, aproximam-no, porém, do mundo grego.

Nos anos 60, uma sepultura em Torres Vedras, localizada junto ao cemitério actual, revelou um *oinokhoe* de bronze e as duas asas de um «braseiro» com asas-de-mãos.

Este *oinokhoe* encontra os seus melhores paralelos na área tartéssica, em ambientes orientalizantes (Blázquez, 1975).

Documentados em Chipre, na costa da Palestina (Meggido, Akziv, Khaldé, Jerusalém) e na Etrúria, estes jarros de bronze parecem ter, à semelhança dos «braseiros» com asas-de-mãos, uma clara procedência oriental, chipriota ou egípcia (Ruiz Delgado, 1984). Os exemplos peninsulares, que pertencem ao tipo BII de Grau-Zimmermann (1978), devem, no entanto, ter sido fabricados a partir dos modelos orientais em oficinas indígenas orientalizantes ou, com menor probabilidade, nas feitorias fenícias ocidentais (Aubert, 1984).

A associação das duas peças numa sepultura na fachada ocidental atlântica deve ser devidamente valorizada. Ambos os recipientes, que fazem parte (juntamente com os *thymiateria*) dos «serviços rituais» da área tartéssica, parecem desempenhar um importante papel num ritual funerário conotado com a libação, a purificação e o fogo (*ibid.*). O aparecimento em Torres Vedras, em contexto funerário claro, das duas peças associadas permite-nos pensar que os contactos existentes entre o mundo tartéssico orientalizante e algumas regiões do território português foi além das meras trocas comerciais e da importação de produtos manufacturados, tendo-se consubstanciado também na assimilação de rituais funerários de tipo oriental.

Caetano de Mello Beirão pode ser considerado responsável pelo ressurgimento da investigação do período orientalizante em Portugal a partir da década de 70. Desde 1969, interessa-se pelo estudo das estelas epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal e procura definir os seus contextos arqueológicos.

36 necrópoles e 16 povoados da I Idade do Ferro foram identificados por este investigador, no Alentejo e Algarve. Escavou 4 destas necrópoles: Mealha-a-Nova, Pego, Fonte Santa e Chada (Beirão, 1986). Destes trabalhos, é importante reter o aparecimento de:

1. escaravinhos (Mealha-a-Nova e Fonte Santa), um dos quais com hieróglifo de Petubaste, faraó da XXV dinastia – 780-740 a.C. (*ibid.*: 62);
2. disco de ouro, decorado com círculos e pontos, da necrópole da Fonte Santa (*ibid.*: 71, Fig. 14);
3. elementos de colar, de prata (Fonte Santa) (*ibid.*: 71);
4. contas de colar, de pasta vítrea, algumas das quais oculadas (Fonte Santa e Chada) (*ibid.*);
5. contas de colar, de resina e âmbar (Fonte Santa) (*ibid.*).

À superfície de uma outra necrópole da região de Ourique, necrópole da Herdade da Favela Nova, foram encontrados diversos objectos, entre os quais destacamos: um escaravinho egípcio, com anel de suspensão; um anel de prata decorado com volutas; contas de colar de prata e âmbar e oculadas de pasta de vítrea (Dias e Coelho, 1983).

A partir de meados da década de 70 têm-se multiplicado as escavações arqueológicas em povoados da Idade do Ferro de cariz mediterrânico, tendo sido divulgados os dados das escavações luso francesas de Conimbriga (Alarcão,

1975; Alarcão, 1976), os da Pedra da Atalaia (Pinto e Parreira, 1978), os referentes ao Castelo de Alcácer do Sal (Silva *et al.*, 1980-81), os do Castelo de Castro Marim (Arruda, 1983-4a e 1987), os da Alcáçova de Santarém (Arruda e Catarino, 1982-4b e 1987 b), os da área urbana de Setúbal (Soares e Silva, 1986), os do Cerro da Rocha Branca – Silves (Gomes *et al.*, 1986) e os da Quinta do Almaraz – Almada e de Outurela – Oeiras, no estuário do Tejo (Cardoso, 1990).

Actualmente, encontram-se em curso escavações arqueológicas que têm, igualmente, revelado uma cultura material de influência leste mediterrânica.

Em Lisboa, trabalhos no Claustro da Sé mostraram níveis com espólios característicos de uma I Idade do Ferro Orientalizante<sup>1</sup>.

Em Abul, perto de Alcácer do Sal, na margem direita do Sado, escavações de Tavares da Silva e Françoise Mayet têm fornecido um importante conjunto de espólio de características orientais<sup>2</sup>.

Para além destes sítios, onde os materiais orientalizantes surgem em contextos bem definidos, têm sido encontrados alguns objectos que podem também resultar do conjunto das influências orientais sentidas no Centro / Sul de Portugal nos inícios da Idade do Ferro<sup>3</sup>. No entanto, as condições particulares do seu aparecimento levam-nos a encará-los com algumas reservas. De facto, achados isolados, identificados em antiquários ou integrados em colecções particulares, cuja proveniência exacta é naturalmente, sempre duvidosa, têm o seu estudo e conseqüente enquadramento cultural cronológico muito limitado.

O *oinokhoe* de bronze, pertencente à colecção particular do Sr. Rainer Daehnhardt (que o adquiriu a um comerciante), parece ser proveniente dos arredores de Beja, mas o seu contexto está definitivamente perdido. Recentemente estudado (Gomes, 1986), poderia integrar-se, se a sua origem fosse possível de confirmar, no conjunto de influências orientais sentidas na área meridional da Península Ibérica durante os primeiros anos da I Idade do Ferro.

Também sem contexto arqueológico são duas pequenas esculturas de bronze, fundidas pelo processo da cera perdida, e representando touros. Aparentemente provenientes do Alentejo, uma pertence à colecção do Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa (Alarcão e Delgado, 1969). A outra integra actualmente uma colecção particular, tendo sido adquirida num antiquário de Évora, que a teria comprado a um habitante de Mourão (Correia, 1986). Muito provavelmente, as peças constituem a decoração que encimava tampas de *thymiateria*.

<sup>1</sup> Agradeço a Clementino Amaro, responsável pelas escavações em curso, a amabilidade demonstrada ao ter-me permitido observar directamente os materiais.

<sup>2</sup> Informação pessoal de Carlos Tavares da Silva, a quem agradeço.

<sup>3</sup> Dada a total incerteza sobre a real origem da cabeça de carneiro de bronze da colecção de António Joaquim (Gamito, 1983) não lhe faremos aqui qualquer referência. Apesar de poder integrar-se na torêutica orientalizante, a presumível origem desta peça é «...o Sul da Península Ibérica» (*ibid.*: 301) o que lhe retira, neste estudo concreto, qualquer valor.

Dada a total ausência de elementos que integrem o contexto de origem destas esculturas, de características morfológicas e tecnológicas orientalizantes, torna-se difícil propor uma qualquer datação. No entanto, uma cronologia situada entre os finais do século VIII e os inícios do VII a.C. parece ser aceitável, se atendermos aos seus aspectos formais e decorativos.

Tal como os *oinokhoai* de Évora e Torres Vedras e os «braseiros» com asas-de-mãos, de Santa Olaia e Torres Vedras, estas peças foram certamente fabricadas em oficinas indígenas tartéssicas localizadas na área meridional da Península Ibérica com base em modelos orientais.

### 5. Considerações finais

Os dados atrás enunciados parecem provar que o território actualmente português não fica excluído, a partir dos inícios do I milénio a.C., da verdadeira *koiné* oriental que atingiu todo o Sul peninsular.

Com efeito, ao longo da nossa costa, e sempre nos estuários dos grandes rios, vários são os povoados onde uma I Idade do Ferro de características orientalizantes tem vindo a ser detectada. São geralmente sítios localizados em colinas elevadas, destacando-se na paisagem. Possuindo boas condições naturais de defesa, dominam visualmente vastos territórios. Frequentemente, estão rodeados por espessas muralhas.

O Castelo de Castro Marim, na foz do Guadiana, o Cerro da Rocha Branca, nas margens do rio Arade, Setúbal e o Castelo de Alcácer do Sal, no estuário e vale do rio Sado, Almada, Amadora, Oeiras, Lisboa e Santarém, respectivamente no estuário e baixo vale do Tejo, Santa Olaia e Conímbriga, no Mondego, são bons exemplos da situação que definimos.

Em todos estes sítios, os espólios arqueológicos recolhidos apontam na direcção do mundo fenício, sendo, por exemplo, muito semelhantes aos encontrados nas feitorias ocidentais da costa de Málaga. Os pratos e taças de engobe vermelho, as cerâmicas pintadas em bandas policromas, as cerâmicas cinzentas finas polidas, sempre associados a cerâmica manuais de tradição do Bronze Final, são abundantes em todos estes sítios. As relações destes povoados com a Andaluzia da Idade do Ferro Orientalizante está também consubstanciada pelas fibulas de dupla mola e os tipos Bencarrón, Alcores e Achebuchal encontradas em várias das estações arqueológicas enunciadas, nomeadamente em Santa Olaia e Conímbriga (da Ponte, 1979).

A localização geográfica e a implantação topográfica dos povoados portugueses fornecem elementos suficientes para pensarmos numa navegação de cabotagem efectuada ao longo da nossa costa por comerciantes orientais, ou directamente ou através das suas feitorias andaluzas.

A implantação junto à costa facilita, evidentemente, o comércio de produtos manufacturados provenientes de áreas francamente semitizadas e transportados por via marítima. Paralelamente, a localização nos estuários de grandes rios permite o contacto fácil através deles com os povoados do interior.

Os vales fluviais funcionaram certamente como rotas preferenciais de acesso às regiões mineiras do Alentejo, por exemplo. Foi muito provavelmente através deles que foram transportados os objectos orientalizantes encontrados em Mourão, Évora e Ourique. Naturalmente que estes rios serviram também para escoar para o litoral o minério do interior.

A localização e implantação dos povoados orientalizantes do litoral parecem assim justificar-se pela função que estes devem ter desempenhado nos inícios do I milénio a.C. Teriam funcionado como verdadeiros portos de comércio, exportando matérias primas (metais provenientes de povoados das regiões interiores), e recebendo produtos manufacturados. Estes, para além de consumidos localmente, eram também enviados para o *hinterland*.

O comércio inter-regional que todo este processo pressupõe implica uma complexa teia de relações inter-regionais e, eventualmente, uma hierarquia do povoamento. Deixando para outro local a análise da problemática dessas relações, não quero deixar de frisar que os objectos orientais encontrados em contexto arqueológico seguro no interior alentejano são provenientes de necrópoles cujos povoados correspondentes apresentam características que em tudo os distinguem dos do litoral. Trata-se aqui de pequenos núcleos habitacionais, não fortificados, e implantados em pequenas colinas de cota baixa.

O que parece importante sublinhar é que o comércio a longa distância, estabelecido entre as populações indígenas do território actualmente português e os navegadores orientais, parece ter contribuído para uma progressiva hierarquização do povoamento e, conseqüentemente, da própria sociedade sidérica.

Lisboa, Verão de 1991

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, Jorge e DELGADO, Manuela, 1969. *Catálogo do gabinete de numismática e antiguidades. 1.ª parte: antiguidades ibéricas romanas*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- ALMAGRO-BASH, Martín, 1959. Elementos para a cronologia absoluta del Bronce I en la Península Ibérica. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa.
- ALMAGRO-GORBEA, Martín, 1977. *El Bronce Final y el periodo orientalizantes en Extremadura*. Madrid.
- ARRIBAS PALAU, António, 1977. El idolo de «el Malagon» (Cullar-Baza, Granada). *Cuadernos de Prehistoria da Universidade de Granada*, Granada 2, p. 63-86.
- ARRUDA, Ana Margarida, 1983-4a. Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. Relatório dos trabalhos de 1983-1984. *Clio Arqueologia*. Lisboa, 1, p. 245-254.
- ARRUDA, Ana Margarida, 1983-4b. Alcáçova de Santarém. Relatório dos trabalhos arqueológicos de 1984. *Clio Arqueologia*. Lisboa, 1, p. 217-223.
- ARRUDA, Ana Margarida, 1987a. Castelo de Castro Marim. *Informação Arqueológica*. Lisboa, 8, p. 32-34.
- ARRUDA, Ana Margarida, 1987b. Alcáçova de Santarém *Informação Arqueológica*. Lisboa, 8, p. 75-77.
- ARRUDA, Ana Margarida e CATARINO, Helena 1982. Cerâmicas da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém. *Clio*. Lisboa, 4, p. 35-39.
- AUBET, Maria Eugénia, 1984. La aristocracia tartésica durante el período orientalizante. *Opus*, 3, p. 445-568.
- AUBET, Maria Eugénia, 1985. Los fenicios en España: estado de la cuestión y perspectivas. *Aula Orientalis*. Barcelona, 3, p. 9-38.
- AUBET, Maria Eugénia, 1987. *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona.
- BEIRÃO, Caetano de Mello, 1986. *Una civilisation protohistorique du Sud de Portugal (1er âge du Fer)*. Paris.
- BELOCH, K. J., 1913. *Griechische geschichte*. Estrasburgo.
- BISI, Ana Maria, 1983. Importazioni e imitazioni Greco-geometriche nella più antica ceramica fenicia d'Occidente. In *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Roma, p. 693-716.
- BLAZQUEZ, José Maria, 1975. *Tartessos y los orígenes de la colonización Fenicia en Occidente*. Salamanca.
- BOSCH-GIMPERA, P., 1951. *Phéniciens et grece dans l'extreme Occident*. Paris, Nouvelle Clio, 3, p. 269-296.
- CABRERA BONET, Paloma, 1986. Los griegos en Huelva: los materiales griegos. In *Homenaje a Luis Siret (1934-1984)*. Sevilha, p. 575-583.
- CARDOSO, João Luis, 1990. A presença oriental no povoamento da Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais* (Actas do Encontro *Presenças Orientalizantes em Portugal. Da pré-História ao Período romano*). Lisboa, p. 119-133.
- CARPENTER, R. 1958. Phoenicians in the West. *American Journal of Archaeology*, 62, p. 35-53.
- CORREIA, Vergílio, 1916. Conimbriga. A camada pré-romana da cidade. Notas de uma exploração de dez dias em Condeixa-a-Velha. *O Archeologo Português*. Lisboa, 21, p. 252-2624.
- CORREIA, Vergílio, 1925. Um amuleto egípcio da necrópole de Alcácer do Sal. *Terra Portuguesa*. Lisboa, 5, 41, p. 90-93.
- CORREIA, Virgílio Hipólito, 1986. Um bronze tartésico inédito: o touro de Mourão. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*. Évora, 1, p. 33-48.
- COSTA, J. Miguel Marques da, 1967. O tesouro fenício ou cartaginês do Gaio (Sines). *Ethnos*. Lisboa, 5, p. 529-538.
- COSTA, J. Miguel Marques., 1974. O tesouro punico-tartésico do Gaio. In *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, p. 97-120.
- CUADRADO, Emetério, 1966. *Reportorio de los recipientes rituales metalicos com asas de manos de la Peninsula Iberica*. Trabajos de Prehistoria del Seminario de Historia Primitiva del Hombre de la Universidad de Madrid y del Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid.
- DIAS, Maria Manuela Alves e COELHO, Luis, 1983. Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole Protohistórica da Herdade da Favela Nova (Ourique). *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 4, 1, p. 197-206.
- FERNÁNDEZ CASTRO, Maria Cruz, 1988. *Arqueologia protohistórica de la Península Ibérica (Siglos X a VII a.C.)*. Madrid.
- FERNÁNDEZ JURADO, Jesus, 1984. *La presencia griega arcaica en Huelva*. Huelva, Monografias Arqueológicas, 1.
- HARRISON, R. J. e Gilman, A. 1977. Trade in the second-third millenia b. c. between the Maghred and Iberia. In MARKOTIC, V. *Ancient Europe and the Mediterranean*. Warminster.
- GAMER-WALLERT, Ingrid e PAIXÃO; António Cavaleiro, 1983. A inscrição do escaravelho de Psamético I, da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires. Novos elementos para a sua interpretação. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 4, 1, p. 267-272.
- GAMITO, Teresa, Júdice, 1983. A cabeça de carneiro da colecção de António Joaquim Júdice. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 4, 1, p. 301-313.
- GOMES, Mário Varela, 1986. *Oenochoe* piriforme dos arredores de Beja. *Trabalhos de Arqueologia*. Évora, 1, p. 49-57.
- GOMES, Mário Varela, GOMES, Rosa Varela e BEIRÃO, Caetano Melo, 1986. O Cerro da Rocha Branca (Silves) – Resultados preliminares de três campanhas de escavações. In *Actas do 4.º Congresso do Algarve*. Silves, p. 77-83, vol. 1.
- GONÇALVES, Vitor S., 1989. *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: UNIARQ / UNIC, 2 volumes.
- GRAU-ZIMMERMANN, 1978. Phonikische maetallkanen in den orientalisierenden horizonten des Mittelmeerraumes. *Madrider Mitteilungen*. Madrid, 19, p. 161-218.
- MARTÍN DE LA CRUZ, José Clemente, 1987. Ceramics micenicas en Andalucia?. *Arqueologia*. Madrid, 78, p. 62-64.
- MARTÍN DE LA CRUZ, José Clemente, 1990. Die erste mykenische keramik von der Iberische Halbinsel. *Praehistorische Zeitschrift*. Berlím / Nova Iorque, 65, p. 49-61.
- MOVERS, F. C., 1841-1856. *Die Phoenizier*. Bona, 4 volumes.
- PAIXÃO, António Cavaleiro, 1970. *A necrópole do Senhor dos Martirés, Alcácer do Sal – Novos elementos para o seu estudo*. Lisboa. Tese de Licenciatura polícopiada.
- PAIXÃO, António Cavaleiro, 1971. O recente achado dos três escaravelhos na necrópole do Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, 309-315.
- PAIXÃO, António Cavaleiro, 1983. Uma nova sepultura com escaravelhos da necrópole pro-histórica do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). *O Arqueólogo Português* Lisboa, 4, 1, p. 273-286.
- PARREIRA, Rui, 1990. Considerações sobre os milénios IV e III a.C. no Centro e Sul de Portugal. *Estudos Orientais* (Actas do Encontro *Presenças Orientalizantes em Portugal, da Pré-história ao período romano*). Lisboa, 1, p. 27-43.
- PINTO, Clara Vaz e PARREIRA, Rui, 1978. Contribuição para o estudo do Bronze final e do Ferro inicial a Norte do estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1977)*. Lisboa, p. 147-163.
- PONTE, Salette, 1979. Les objects de parure et de toilette. Les instruments de chirurgie. In ALARCÃO, J. e ETIENNE, R., *Fouilles de Conimbriga. Trouvailles diverses. Conclusions generales*. Paris, p. 110-150, vol. 7.
- RENFREW, Colin, 1976. *Before civilization: the radion Carbon revolution and Prehistoric Europe*. Londres.

- ROCHA, António Santos, 1906. Estudo sobre um artefacto pré-romano de ouro descoberto no Algarve. *Boletim da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz*. Figueira da Foz, 2, p. 64.
- ROCHA, António Santos, 1910. Memórias e explorações arqueológicas II. Estações pré-romanas da Idade do ferro nas vizinhanças da Figueira. *Portugália*. Porto, 2, p. 302-356.
- ROCHA, António Santos, 1975. A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafrim. In *Memórias e explorações arqueológicas*. Coimbra, vol. 3, p. 127-141.
- ROUILLARD, Pierre, 1977. Fragmentos griegos de estilo Geométrico y Corintio Médio en Huelva. *Huelva Arqueológica*. Huelva, 3, p. 397-401.
- RUIZ DELGADO, Manuel M., 1989. Las necrópolis tartésicas: prestigio, poder y jerarquias. In *Tartessos: Arqueología Protohistórica del bajo Guadalquivir*. Barcelona, p. 247-286.
- SAVORY, H. N., 1968, *Spain and Portugal, the Prehistory of the Iberian Peninsula*. Londres.
- SHEFTON, Brian, 1979. Greeks and greek imports in the South of the Iberian Peninsula. In NEMEYER, Hans G. - *Phonizier in Western*, Actas do Simposium internacional *Die phonizische expansion im westlichen mittelmerraum (1979)*. Madrider Beitrage. Madrid, 8, 337-367.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da, 1986. *A cultura castreja no Noreste de Portugal*. Paços de Ferreira.
- SILVA, Carlos Tavares da [et al.], 1980-81. Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 6-7, p. 149-218.
- SILVA, Carlos Tavares da e SOARES, Joaquina, 1987. O povoado calcolítico fortificado do Monte da Tumba. I Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 8, p. 29-79.
- SOARES, Joaquina e SILVA, Carlos Tavares da, 1986. Ocupação pré-romana de Setúbal: Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Trabalhos de Arqueologia (Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana)*. 3, p. 87-101.
- TRINDADE, Leonel e FERREIRA, Octávio da Veiga, 1965. Acerca do vaso «piriforme» tartéssico de bronze do museu de Torres Vedras. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa, p. 175-183.
- VEIGA, Sebastião Philippe Estácio, 1891. *Paleoethnologia, Antiguidades Monumentaes do Algarve, Tempos Prehistoricos*. Lisboa, vol. 4.